



**TEMATIZANDO O DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE SAÚDE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

Angélica Caetano¹
Giovani De Lorenzi Pires²

RESUMO

Este trabalho é um recorte de uma dissertação de mestrado concluída no Programa de Pós-Graduação em Educação Física na UFSC, cujo objetivo foi refletir sobre o discurso midiático a respeito de saúde e atividade física com alunos de Ensino Médio, no âmbito da Educação Física escolar, a partir de uma intervenção pedagógica. O estudo foi realizado com base em elementos metodológicos da pesquisa-ação e contou com a participação de 22 alunos de uma turma do Instituto Federal de Santa Catarina. A intervenção foi realizada a partir de estratégias de mediação escolar, em conjunto com o professor responsável pela turma. Como considerações finais, o estudo aponta que os alunos expressaram ambigualmente que, ao mesmo tempo que ainda reproduzem informações sobre saúde veiculadas na mídia, conseguem realizar interpretações interessantes sobre os conteúdos veiculados por ela; a mídia-educação pode ser associada a qualquer conhecimento da cultura escolar, de forma longitudinal, partindo dos saberes discentes a respeito dos conteúdos veiculados pela mídia e o esforço de uma educação para a mídia não pode ser abandonado no âmbito escolar.

Palavras-chave: Educação Física escolar; saúde; mídia-educação.

**DISCUSSING THE MEDIA DISCOURSE ABOUT HEALTH IN PHYSICAL EDUCATION:
EXPERIENCE WITH HIGH SCHOOL STUDENTS**

ABSTRACT

This research is the result of a completed dissertation held in the Physical Education Post Graduate Program at UFSC, in which goal was to reflect on the media discourse about health and physical activity among young high school students, in Physical Education, from a education intervetion. The study was based on methodological elements of action research and was attended by 22 students from a class from Instituto Federal de Santa Catarina – Campus São José. The intervention was carried out on the basis of school mediation strategies, along with the teacher who is responsible for the class. As a conclusion, the study indicates that the students expressed ambiguously that, at the same time they still reproduce the information about health conveyed by the media, they can do interesting interpretations about the content spread by; media education can be associated to any knowledge of school culture, in a longitudinal basis,

¹ Mestre em Educação Física pela UFSC, professora da UNIVALI e integrante do LaboMídia/UFSC.

² Doutor em Educação Física, professor do DEF e PPGEF/UFSC e integrante do LaboMídia/UFSC.



starting from students' knowledge about the content transmitted by the media and the effort of a media education cannot be overlooked.

Key-words: *Physical Education; health; media-education.*

TEMATIZANDO EL DISCURSO MEDIÁTICO RESPECTO A LA SALUD EM EDUCACIÓN FÍSICA: EXPERIENCIA COM ALUMNOS DE LA ENSEÑANZA SECUNDARIA

RESUMEN

Este trabajo es fruto de una disertación de maestría concluida en el Programa de Pos-Graduación en Educación Física en la UFSC, cuyo objetivo fue reflexionar sobre el discurso mediático respecto a la salud y actividad física con alumnos de Enseñanza Secundaria, en el ámbito de la Educación Física escolar, a partir de una intervención pedagógica. El estudio fue realizado con base en elementos metodológicos de investigación-acción y contó con la participación de 22 alumnos de un grupo del Instituto Federal de Santa Catarina. La intervención fue realizada a partir de estrategias de mediación escolar, en conjunto con el profesor responsable del grupo. Como consideraciones finales, el estudio apunta que los alumnos expresaron ambigüamente que, al mismo tiempo en que todavía reproducen las informaciones sobre salud vehiculadas en la media, consiguen realizar interpretaciones interesantes sobre los contenidos vehiculados por ella; la media-educación puede ser asociada a cualquier conocimiento de la cultura escolar, de forma longitudinal, partiendo de los saberes de los alumnos al respecto de los contenidos vehiculados por la media y el esfuerzo de una educación para la media no puede ser abandonado en el ámbito escolar.

Palabras-clave: *Educación Física escolar; salud; media-educación.*

Introdução e contextualização

Atualmente, viver com saúde ou aparentar ser saudável é uma preocupação que perpassa todos os segmentos da sociedade. Cada vez mais as pessoas se preocupam ou são persuadidas a se preocuparem com a saúde, de modo que esta seja visualizada como um produto final a ser alcançado. Para tal, existem diferentes maneiras disponibilizadas na sociedade para se conseguir a saúde; uma delas é por meio da atividade física, que cada vez mais, ancorada no saber médico, tem se legitimado socialmente.

A sociedade contemporânea tem assistido de forma deslumbrada os mecanismos tecnológicos e científicos possíveis para garantir uma saúde ideal, que carregaria consigo expectativas de corpo em relação à imagem do ser saudável. A própria valorização dos cuidados corporais relacionados à busca por saúde e beleza jovial encontra nos meios de comunicação de massa um dos seus lugares preferenciais de divulgação e repercussão. Somos, a todo o momento, motivados e estimulados a lançar mão de estratégias que possam nos levar às condições de saúde padronizadas e formas físicas normatizadas, como a própria prática de atividade física.



Essa política normatizadora implica a responsabilização que impinge a cada pessoa na modernidade sobre o seu próprio adoecimento e que coloca a atividade física como um “santo remédio” na busca de um estilo de vida saudável, desconsiderando a atual dinâmica societária que influencia os estados de enfermidade da população.

Muitos destes discursos que enfatizam a saúde e estilos de vida saudável, ancorados na lógica quantificadora e positivista de estudos médico-científicos e presentes na mídia sobre a relação atividade física e saúde, sustentaram e ainda sustentam essa política conservadora e buscam interação com as possíveis áreas/campo de conhecimento, como a Educação Física, visando maior legitimação. Tais discursos corroboram com slogans de programas públicos e privados que propagandeam uma imperiosa e inequívoca necessidade de se exercitar a favor de um estilo de vida saudável, e sem dúvida alguma, alcançam a Escola e a Educação Física.

A Educação Física, como campo de conhecimento que teve em sua constituição referências nas atividades físicas/exercícios físicos/práticas corporais³ anexadas ao desenvolvimento saudável do indivíduo e da sociedade que se modernizavam, tem papel fundamental na construção e (re)significação desses discursos.

Diante dessa situação-problema, optamos por desenvolver pesquisa que resultou em dissertação de mestrado (CAETANO, 2011) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGEF/UFSC). O estudo teve como objetivo refletir sobre o discurso midiático a respeito de saúde e atividade física com alunos de Ensino Médio, no âmbito da Educação Física escolar, a partir de uma intervenção pedagógica baseada na mídia-educação. O presente texto é um breve recorte cuja intenção é apresentar alguns elementos do estudo realizado.

Quanto à sua natureza, a pesquisa teve como pretensão um olhar qualitativo sobre o fenômeno. Assumida a abordagem qualitativa, a pesquisa aproximou-se dos conceitos teórico-metodológicos da mídia-educação (FANTIN, 2006) e de aspectos práticos da concepção e da organização de uma pesquisa social orientada de acordo com os princípios da pesquisa-ação. Esta é entendida como uma investigação que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e participantes e representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1994).

A parte empírica da pesquisa foi realizada com alunos jovens pertencentes a uma turma do Ensino Médio do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – *Campus* São José. A escolha da escola/campo ocorreu devido ao fato de a Educação Física nesta instituição ter um planejamento geral da disciplina para todos os anos/séries do Ensino Médio, estipulando para cada fase um conteúdo teórico – que serve como tema gerador – e aulas ligadas a esportes tradicionais, atividades recreativas e jogos populares, além de eventuais atividades ligadas à cultura de movimento que não se resumem às tradicionais em nossa área. O

³ Lazzarotti Filho *et al.* (2009) constataram que o termo “práticas corporais” foi utilizado em teses e dissertações com a intenção de problematizar os conceitos de atividade física e de exercício físico, e de forma geral, vem aparecendo na maioria dos textos como uma expressão que indica diferentes formas de atividade corporal ou de manifestações corporais, tais como: atividades motoras, de lazer, ginástica, esporte, artes, recreação, dança, jogos, lutas, capoeira e circo. Na Educação Física, este termo vem sendo valorizado pelos pesquisadores que estabelecem relação com as ciências humanas e sociais, pois os que dialogam com as ciências biológicas e exatas operam com o conceito de atividade física. Apesar de reconhecermos as diferenças conceituais a respeito dos termos, nesta pesquisa os utilizamos como equivalentes, em função da presença hegemônica dos termos atividade e/ou exercício físico tanto no discurso midiático quanto no dos alunos.



planejamento da Educação Física da escola/campo prevê que a mídia seja um dos conteúdos programáticos para a 4ª fase do Ensino Médio (segundo ano), por isso a turma escolhida foi dessa fase.

Assim, após a escolha da turma, e em conjunto com o professor responsável pela turma, um planejamento de intervenção foi realizado. O período de mediação escolar compreendeu os meses de março a julho de 2010. A mediação é uma estratégia fundamental nos processos de (re)significação e novas reflexões, que, em outras palavras, confere àqueles que estão envolvidos na prática da crítica, a possibilidade de atribuir outros significados ao discurso ou narrativa em estudo e se apropriar da mesma, transformando-a. A classe era composta por 22 alunos, sendo 13 alunos do sexo masculino e 9 do sexo feminino. Em relação à idade, 07 alunos possuíam 17 anos, 14 alunos possuíam 16 anos e 1 aluno possuía 15 anos.

Para concretizarmos a tarefa de registro e coleta de dados, utilizamos o diário de campo, filmagens de algumas intervenções da pesquisadora e do professor, textos, produções midiáticas que foram utilizadas como tarefas para os alunos e ao final da pesquisa, entrevistas em grupos, gravadas em áudio.

Para a análise dos dados, recorreremos a ferramentas conceituais e metodológicas fornecidas pela teoria social do discurso, de forma mais específica, a análise crítica do discurso (ACD), conforme propõe Norman Fairclough em seu livro *Discurso e Mudança Social* (FAIRCLOUGH, 2008). O foco da análise crítica do discurso a partir de Fairclough é a mudança discursiva e está em estreita relação com as mudanças sociais e culturais. Assim, considerando a dimensão dialética da prática discursiva e da prática social, a interpretação da pesquisa deu-se em duas dimensões: a) em uma dimensão intrínseca, em que os dados do campo foram tratados como um discurso e uma prática discursiva que reflete o decorrer da intervenção e os seus momentos, na qual poderão ser observadas perspectivas de (re)significação do discurso científico-midiático e b) em uma dimensão extrínseca, quando a reflexão do campo foi contrastada com a realidade inferida pelo quadro teórico de referência, em busca de relações dialéticas que apontem para mudanças na prática social, referente ao tema de estudo.

O caminho percorrido

Reconhecendo, pois, o conteúdo programático da fase escolhida para o desenvolvimento da pesquisa e realizado o devido contato com o professor, refletimos a necessidade de antes de propor uma intervenção, buscar qual o significado que os alunos trazem de seu cotidiano sobre a relação saúde-atividade física divulgada na mídia. Para tal, utilizamos um vídeo-sensibilização, cuja ideia surgiu da necessidade de incentivar um debate, no qual os alunos expressassem suas opiniões. Tais opiniões serviram como fontes para a identificação de temáticas significativas a serem abordadas/construídas durante a intervenção, refletidas a partir do momento deste vídeo-sensibilização. Este vídeo buscou relatar como a mídia expõe informações sobre saúde e atividade física, demonstrando a necessidade de se movimentar, ser ativo, a partir de recortes de diferentes reportagens sobre atividade física e saúde, extraídas da mídia televisiva.

A partir da sensibilização promovida pelo vídeo, realizado no primeiro momento de intervenção com os alunos, utilizamos a estratégia da tempestade de idéias (*brainstorming*) com os alunos, na tentativa de relacionar o conteúdo do vídeo com a vivência dos alunos, na busca do significado da relação atividade física e saúde para eles. O diário de campo foi um instrumento coadjuvante para os acontecimentos durante a tempestade de idéias. A partir das respostas dos alunos, realizamos inicialmente



um roteiro para discussão no encontro seguinte e em conjunto com o professor responsável pela turma, um planejamento de intervenções provisórias, o que denominamos de estratégias de mediação escolar.

Cada estratégia temática foi desenvolvida em um ou mais encontros, cujo cronograma pode ser melhor observado no quadro abaixo:

Estratégia	Datas realizadas	Temática central de cada intervenção⁴
Entrada no campo	03/03/2010 a 23/03/10	Aproximação à turma, aplicação do questionário, do termo de consentimento e do video-sensibilização para identificação de temáticas significativas.
1	30/03/2010 a 06/04/2010	Discussão do texto sobre Indústria Cultural e debate a respeito do tema, envolvendo a temática: saúde e mídia.
2	15/04/2010 a 11/05/2010	Material midiático trazido pelos alunos sobre a temática da saúde para reflexões sobre Indústria Cultural.
3	18/05/2010	Apresentação e discussão da concepção de saúde salutogênica e experimentação de práticas corporais
4	20/05/2010 a 22/06/2010	Atividades interdisciplinares com Sociologia envolvendo discussões sobre mídia.
5	01/06/2010 a 10/06/2010	Apresentação e discussão do produto midiático vídeo-minuto sobre saúde, realizado pelos alunos.
6	22/06/2010	Discussão envolvendo a temática Copa do Mundo, Esporte e saúde
7	01/07/2010 a 08/07/20	Apresentação e discussão da produção midiática final, envolvendo jornal, vídeos e blog.

A intenção de organizar a primeira estratégia com um texto introdutório sobre Indústria Cultural (IC) foi, acima de tudo, pontuar a mídia como o braço operacional para a mercadorização da cultura. Na perspectiva de introduzir os alunos na problemática acerca da IC, contextualizamos o processo de banalização da cultura a partir dos meios de comunicação de massa.

⁴ Durante todas as estratégias da mediação, tivemos alguns momentos livres para os alunos, em que eles realizavam práticas corporais que o professor organizava e momentos em que as práticas corporais foram organizadas pela pesquisadora e pelo professor envolvendo a temática do estudo.



Como segunda estratégia de intervenção, objetivando unir a temática saúde, atividade física e as reflexões sobre o conceito de Indústria Cultural já discutido em encontros anteriores, solicitamos aos alunos trazerem alguma reportagem midiática que possuísse relação com saúde, atividade física e Educação Física, de forma que eles mesmos realizassem um link com o texto discutido.

Para tal, organizamos a turma em 5 grupos e solicitamos que cada grupo trouxesse de casa alguma reportagem que relacionasse a temática já explicada, para posteriormente, em forma de seminários curtos, pudessem expor as reflexões realizadas por eles, e a partir delas, iniciarmos um debate após cada apresentação.

Como terceira estratégia, organizamos um encontro para explicar a concepção de saúde salutogênica, debatida como uma concepção que busca ir além do paradigma biomédico (patogênico). Como estratégia seguinte, realizamos um trabalho interdisciplinar com a disciplina de Sociologia e a temática central debatida nesses encontros foi a relação de poder e mídia.

A estratégia de número 5 correspondeu à produção midiática dos alunos de um vídeo-minuto. Nesta estratégia, os alunos deveriam apresentar vídeos de fotos relacionando saúde e atividade física, com no máximo um minuto. Após a apresentação, deveriam comentar a escolha de cada foto.

A estratégia de número 6 correspondia aos encontros e intervenções que envolviam materiais midiáticos e notícias sobre a Copa do Mundo, aproveitando os diferentes discursos presentes na mídia relacionado a esporte, saúde e mundo. Por fim, como última estratégia, os alunos realizaram uma produção midiática que denominamos de final, pois nela os alunos apresentariam algum produto midiático como representação de novas reflexões (ou não) a partir da intervenção realizada na Educação Física. Nesta última estratégia, os alunos da turma foram divididos em quatro grupos, e as produções foram apresentadas através de um jornalzinho impresso, um blog e de dois vídeos.

Após estas estratégias de mediação escolar, para a conclusão da fase de registros da pesquisa foram realizadas entrevistas em grupos (5 grupos), com 86% de todos os alunos (19 alunos do total de 22), gravadas em áudio, que serviram de suporte para o reconhecimento das percepções dos alunos sobre a intervenção e as possibilidades de novas reflexões sobre o discurso midiático a respeito de saúde, proporcionadas pela mediação escolar realizada.

Breves reflexões e interpretações sobre o campo

O conjunto de registros do campo nos levaram à construção de quatro eixos temáticos de discussão, que se remeteram a uma análise transversal referentes aos dados coletados durante as estratégias, ou seja, aos pontos ou recorrências que mereceram destaque no estudo. Deste modo, a partir da análise dos dados provenientes do diário de campo, do questionário inicial, do material midiático produzido pelos alunos, dos escritos entregues por eles à pesquisadora e da entrevista final realizada, foi possível a composição de quatro eixos de discussão: 1) *Teoria e prática pedagógica na Educação Física*; 2) *Representações de gênero: implicações relacionadas à saúde e corpo*; 3) *A vida como objeto do saber e a legitimidade do saber médico: os discursos que controlam o corpo e as implicações para a Educação Física* e 4) *Ambigüidade nos discursos dos alunos: indícios de uma educação danificada*.

Na sequência, estes eixos são descritos e de forma breve apresentamos uma síntese da discussão pertinente a cada um deles.



1) **Teoria e prática pedagógica na Educação Física** – Este primeiro eixo de análise tratou dos significados expressos e incorporados historicamente pelos alunos a respeito da relação teoria e prática no contexto escolar da Educação Física. Buscou-se evidenciar a práxis social como base para o ensino que visa à mudança social, aliada à pesquisa-ação efetivada durante o estudo. No entanto, se desdobra em dois sub-eixos para uma compreensão didática: a) configurações de um “praticismo” nos discursos dos alunos e b) representações de gênero nas práticas corporais escolares.

Para o primeiro desdobramento do eixo, a realização da pesquisa propiciou a análise da relação teoria e prática no cotidiano escolar dos alunos e na instituição envolvida na investigação, nos permitindo verificar evidências da concepção dos alunos de uma Educação Física voltada à valorização de uma certa prática, sem pressupostos ou conseqüências pedagógicas, ou seja, a primazia encontra-se na validade do sentido que a prática representa para a disciplina. Poderíamos sugerir que os alunos demonstraram a representação de uma Educação Física enquanto prática ‘coisificada’, resistindo à necessária abstração e adotando comportamentos que meramente reproduzem as manifestações culturais, em especial o futebol.

Além disso, os alunos demonstrar reconhecer na escola uma hierarquia de saberes, cabendo às disciplinas essenciais (as teóricas, realizadas em sala de aula) maior *status* porque naturalmente correspondem àquelas ligadas ao trabalho intelectual tradicional, enquanto a Educação Física estaria incluída no rol daquelas que não exercitariam a dimensão intelectual, já que seu foco é o movimento e corresponde, numa visão de senso comum, ao trabalho fora da sala de aula. Tal concepção pode ser revelada a partir do comentário de um aluno: “*Toda semana a gente estuda teoria [nos demais componentes curriculares] e aí o único momento da gente extravasar é na Educação Física*”.

Uma pesquisa realizada por Carvalho (2007) com professores de outras disciplinas a respeito do papel da Educação Física no currículo escolar, demonstra que uma das categorias elaboradas ressalta a ênfase da Educação Física aparentar uma atribuição que não ultrapassa a condição recreacionista; e que mesmos os professores das demais disciplinas a enxergam como uma espécie de alívio do *stress* provocado pelas outras matérias, com *status* intelectual.

Como segundo desdobramento deste eixo, podemos verificar distanciamentos e proximidades diferentes dos alunos e das alunas em relação às aulas de Educação Física. Os meninos demonstraram maior proximidade com a prática esportiva em relação às meninas, enquanto elas evidenciaram certo distanciamento, provavelmente uma recusa à participação em momentos que os meninos atuam “masculinizadamente”: “*A gente acaba não aproveitando a aula de Educação Física, porque eu já disse que não jogo com os meninos, eles são muito violentos*”. (Fala transcrita retirada da entrevista, 08/07/2010).

Os meninos são vistos pelas meninas como detentores de características socialmente construídas como agressividade, força física e violência. Uma aluna argumentou quanto à ausência da maioria dos meninos em um dos encontros: “*Foi bom, né? Eles atrapalham a evolução da aula e são muito violentos*” (Fala registrada em diário de campo, 23/05/2010).

As correntes positivistas tradicionais concebem a Educação Física no paradigma tecnicista-higienista do esporte de rendimento e da atividade física como saúde, e tendem a adotar pontos de vistas biológicos para explicar a diferenciação física e comportamental de meninas e meninos, justificando assim a separação em sua prática, pois se acredita que, desta forma, estariam sendo respeitadas as peculiaridades biológicas de cada sexo (SARAIVA, 2005). Entretanto, não se pode atribuir uma razão especificamente biológica para fatores de origem cultural e social.



A pouca participação e talvez desinteresse das meninas pode aproximar-se a um cuidado referido ao seu próprio bem-estar e a uma ênfase na estética individual, o que reforça um distanciamento de práticas coletivas com os meninos, já que estes apresentam possibilidades e riscos de agressividade, pelo enfrentamento competitivo. Tal reflexão nos permitiu a construção de um eixo que levasse em consideração a temática de gênero sobre a questão de corpo e saúde.

2) Representações de gênero: implicações relacionadas à saúde e corpo – Neste eixo, ampliamos e enfatizamos a discussão de representações de gênero, agora relacionadas à temática central da pesquisa, saúde e corpo. Nele, observamos as diferenças das possibilidades e interesses a respeito de discussão sobre a temática, em se tratando de meninos e meninas. Apontamos também a presença de esquemas da indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985), especialmente nos discursos das meninas.

Quando, no questionário inicial, todos os alunos foram inquiridos se havia interesse dos meios de comunicação de massa pela temática saúde, as meninas demonstraram maior procura, além de apresentarem conhecimentos ligados à saúde e estética, informando-nos programas televisivos que assistiam com frequência e nos relatando os cuidados para si que buscavam a partir das informações obtidas na mídia. Quanto aos meninos, quando faziam referência ao discurso midiático, o esporte espetacularizado se sobrepunha à saúde. Isto pode nos sugerir que o cuidado com um corpo saudável (OLIVEIRA *et al.*, 2009) e certo distanciamento de práticas esportivas coletivas (SARAIVA, 2005) é marca registrada do gênero feminino na Educação Física escolar e que tal concepção contém algumas referências semelhantes às que a mídia veicula como discurso.

Em nosso cotidiano, a pedagogia social exercida pelos meios de comunicação contribui francamente para expansão dessas estereotípias. Com relação às mulheres, como boas reprodutoras, divulgadoras, formadoras de conceitos de corpo saudável, as revistas femininas estampam, há décadas, “modelos de mulheres”, exemplos a ser seguidos para alcançar um objetivo: o corpo ideal, aliando saúde à beleza estética (SIQUEIRA e FARIA, 2007), o que pode contribuir para concepções de saúde diferenciadas entre homens e mulheres, além de comportamentos e formas construídas socialmente de acordo com o gênero.

3) A vida como objeto do saber e a legitimidade do saber médico: os discursos que controlam o corpo e as implicações para a Educação Física – A importância deste eixo foi baseado na frequência, durante o campo, de práticas discursivas dos alunos que enfatizaram concepções de ser saudável, de saúde, de um corpo saudável e, principalmente, a importância do saber médico nas práticas corporais relacionadas à saúde, alcançando a Educação Física.

Moulin (2008) comenta que o século XX é o da “medicalização sem equivalentes” (p. 15), pois enfatiza que a medicina ocidental tornou-se não apenas o principal recurso para o combate às doenças recorrentes, mas principalmente, um guia de vida, que promulga regras de comportamentos e aprisiona o cotidiano em uma rede de recomendações.

Em uma das estratégias, na produção midiática final, um grupo construiu um vídeo e encenou uma estória, colocando a figura do médico, ao lado da figura do professor de Educação Física. Os conselhos dados pelo “médico” referiam-se à necessidade de uma alimentação melhor para a “paciente”, já que ela se encontrava com anorexia (no vídeo). O “médico” também comentou que neste momento “*ela não deveria fazer atividade física, já que se encontrava muito magra*”. Aqui, podemos perceber que além de existir um padrão normal para o que se espera da saúde, ou seja, um corpo ideal representativo de um ser



saudável, apresenta-se também o processo de medicalização da vida, como uma forma do saber médico respaldar o comportamento dos seres humanos, ditando formas de ser na sociedade. Ainda, o saber do professor apresenta-se submisso ao saber do médico a respeito de saúde, este último visto como especialista e o professor como um “conselheiro moderno”, nos termos de Bauman (2001) que confere respaldo e legitima o saber do especialista.

Foucault (2006) denuncia o poder médico e a medicalização da vida e ainda comenta que a medicina é um saber-poder que tem efeitos disciplinares e regulamentadores da vida. Neste sentido, Fraga (2006) vai comentar sobre a questão central do sedentarismo no processo de medicalização das práticas corporais.

Foi comum no nosso estudo, por exemplo, responsabilizar a atividade física para a obtenção de saúde, visando afastar doenças cardíacas, dores no corpo, e problemas relacionados ao ócio, ou ao sedentarismo.

Também na produção midiática, no vídeo elaborado por um grupo, foi comum aparecer frases como: “*É importante manter o movimento, em busca da saúde, do bem-estar*” ou “*O movimento é uma forma de melhorar o organismo, o conjunto, principalmente o cardiovascular*” (Trechos retirados do vídeo, referente à produção midiática 1).

A questão central que nos invoca a refletir não se direciona para o fato da atividade física fazer bem ou não ao organismo, mas que, sob este olhar, a saúde torna-se um produto e a atividade física, um remédio para o mal que a sociedade precisa encarar: o sedentarismo. Em tal concepção, caberia à Educação Física escolar a responsabilidade pela aprendizagem de atitudes positivas e hábitos saudáveis, numa visão claramente funcional e utilitarista desse componente curricular, dispensando-se portanto de conhecimentos sobre a cultura corporal de movimento, seu objeto de estudo e de intervenção.

Entre os condutores de parâmetros sobre saúde a serem seguidos na sociedade, destaca-se a mídia, que alimenta a sociedade com informações derivadas do saber médico-científico. Baseado nas formulações de Gilles Deleuze sobre as sociedades de controle, Fraga (2006) anuncia o termo “biopolítica informacional”, relativo a uma forma de controle que não depende da relação corpo a corpo, mas de:

“um conjunto de técnicas, procedimentos e saberes que regulam os estilos de vida da população (...) hoje estão pulverizados em redes de poder flexíveis que monitoram os corpos através da regulação dos fluxos e dos acessos à informação” (p. 13).

A mídia poderia aqui ser vista como uma forma de poder flexível que monitora, controla, padroniza e incentiva o conhecimento das pessoas, alcançando suas subjetividades.

Por fim, este eixo se fez presente pela recorrência discursiva acerca do tema da saúde, ancorada na biomedicina, transparecendo nas referências que os alunos nos deram em seus discursos, desde o início da intervenção até mesmo na entrevista final.

4) Ambigüidade nos discursos dos alunos: indícios de uma educação danificada – Este último eixo trata de relacionar os discursos ambíguos dos alunos em diferentes momentos. Durante a pesquisa, os alunos demonstraram novas reflexões, mesmo que em alguns momentos reproduzissem os discursos provenientes nos meios de comunicação de massa.

O comentário de um aluno, abaixo, colhido durante a entrevista final, quando questionado se consegue apresentar novos olhares a respeito do tema da pesquisa e o que isso representa para ele, apresenta-nos um exemplo:



“Na verdade, eu acho que mesmo após sua pesquisa, eu diria que as pessoas vão continuar assistindo do mesmo jeito a TV, por exemplo, talvez não vão dar tanta importância assim para o que assistem e acho que vão dar a mesma atenção que antes. (Fala de A.N. transcrita da entrevista, 10/07/2010).

A mesma entrevista relativiza o papel exercido pela mídia na divulgação e consolidação do discurso sobre saúde e práticas corporais, autoproclamando-se como inatingível pelos ditames socialmente compartilhados por influência da Indústria Cultural:

(...) Eu mesmo, não considero que sou influenciado pela mídia, você comentou que todos estamos no mesmo sistema, mas eu não me considero assim” (Fala de A.N. transcrita da entrevista, 10/07/2010).

Por outro lado, uma aluna expressa diferente significado a respeito da formação cultural e a relação com a indústria cultural e mídia, durante a entrevista:

“Eu acho que indústria cultural tem a ver com mídia, pois, depois de estudar globalização, tudo o que a gente investe, a gente gosta, a gente deseja, a gente vê na televisão (...) então eu acho que a gente é super influenciado pela mídia. A gente escolhe como se a televisão fosse um catálogo...” (Fala de B.B. transcrita da entrevista, 10/07/2010).

Neste eixo, dialogamos com Adorno (1996), apoiados em seu ensaio sobre a *Teoria da Semicultura* (1996), em que o autor defende que a cultura (*Bildung*), na tradição germânica, ao mesmo tempo em que compreende o conjunto de criações espirituais (intelectuais, artísticas e religiosas), traz em si a exigência de formar seres humanos que, por sua vez, são consumidores/criadores de cultura, contendo, portanto, um duplo caráter: ela é, ao mesmo tempo, adaptação - conformação à vida real - e autonomia - liberdade do sujeito. Pucci (1997) comenta que o conceito revela uma tensão em aceitar o mundo, negando-o continuamente e afirmar o espírito, contraponto-lhe a natureza. Para o frankfurtiano Adorno, quando as tensões encontram-se focadas em um dos dois pólos, faz-se presente a semiformação.

Assim, percebemos os pressupostos da semiformação fazendo-se presente de forma intensa nos vários discursos dos alunos, ora apresentando-nos novos olhares sobre os discursos midiáticos, ora reproduzindo-os, de forma ingênua, como fruto da própria semiformação.

Ainda, na cultura moderno-líquida (metáfora desenvolvida por Bauman, 2001), não se concebe mais uma cultura de aprendizagem e acumulação, mas preconiza-se a desvinculação, a vivência em lugar da experiência, a descontinuidade, as informações fragmentadas veiculadas pelos meios de comunicação de massa, o consumo imediato dos produtos, inclusive da informação.

Este reducionismo influenciado pela razão instrumental limita a reflexão crítica a respeito dos discursos e suas verdades. Vejamos esta fala de um aluno, durante o campo, sobre a saúde dos atletas concebida pela mídia, demonstrando indícios de momentos de adaptação:

“A vida de um atleta é prolongada [em relação a sua saúde] e ele corre menos riscos de problemas cardíacos do que uma pessoa normal (...) basta-nos olhar as pesquisas científicas, as estatísticas e a mídia nos informando isso” (Recorte dos alunos entregue à pesquisadora na estratégia 4).



Investir na educação para a contradição, para a resistência e para a auto-reflexão crítica pode ser indícios que ela não está totalmente danificada. Vejamos este comentário de um aluno, durante a entrevista final, comentando sobre a indústria cultural e saúde:

“É um mercado, sabe... eles até se preocupam com a saúde das pessoas, no momento em que a pessoa saudável consegue trabalhar e produzir para comprar. Se a pessoa não é saudável ela não vai conseguir fazer isso, então não é negócio... Eles vendem a doença... eles dão a doença, mas eles vendem o remédio. (Fala de A.D. transcrita da entrevista, 08/07/2010).

Marr (2003) comenta que para a busca da formação cultural é necessário resgatar a experiência formativa no processo educacional e pensarmos uma educação para a contradição e para a resistência, apoiados na reflexão crítica que permite ir além do plano da reconstrução cultural e da vigência da semiformação. Assim, ainda que os alunos tenham apresentado tanto momentos de adaptação quanto evidências de autonomia, não podemos perder de vista que o fazer educação, o compromisso com a mudança social são elementos imprecindíveis à responsabilidade pedagógica.

Considerações Finais

Adentrar em um movimento de complexas redes de saberes pessoais e trazer conteúdos “de fora” para dentro no espaço escolar é um processo árduo, mas rico de significados. Árduo porque tematizar conteúdos que usual e aparentemente não correspondem ao que se espera da Educação Física, pode mostrar-se estranho, em um primeiro olhar; e rico de significados, porque a intenção aqui não é promover um jogo de verdades, sobrepondo uma contra a outra, mas possibilitar ao aluno, a partir deste componente curricular escolar, refletir, se perceber, se reconhecer enquanto sujeito pertencente a uma cultura e saber-se capaz também de reconstruí-la criticamente.

A pesquisa nos revelou as práticas discursivas dos alunos relacionadas ao discurso midiático durante a intervenção e possíveis mudanças nas práticas discursivas correntes. Durante o campo e ainda na finalização deste, alguns pressupostos do discurso midiático sobre saúde foram encontradas nos discursos dos alunos. A triangulação dos dados permitiu constatar que a mídia contribui para estimular subjetividades ocupadas pelo regramento das práticas alimentares e da vida ativa, balizadas na ciência e estimuladas de acordo com o mercado vigente.

Assim, reconhecendo a presença dos meios de comunicação de massa na sociedade, foi possível propormos, na perspectiva da mídia-educação, a tematização dos discursos sobre saúde com alunos do Ensino Médio, por meio de uma pesquisa-ação; isso se apresenta como um passo necessário na conscientização de que a Educação Física não pode se resumir à reprodução de uma prática esvaziada de crítica, subsumida ao argumento da promoção de saúde através da atividade física ou o esporte; mesmo porque o trinômio esporte-educação-saúde, se defendido de forma linear e objetivando o rendimento, tornou-se um elemento complexo e passível de crítica na Educação Física. Além disso, julgamos importante que, nas aulas de Educação Física, as meninas e os meninos possam se reconhecer e vivenciar as mesmas práticas, pois os padrões de conduta e de comportamento dos sexos são socialmente construídos, e com isso, transformáveis e não de ordem natural.

Referenciado em Betti, Mendes (2008) comenta que a possibilidade de implementar, à cultura de movimento, uma ação pedagógica sistematizada e crítica caracteriza-se como um avanço, já que a área tem limitado o potencial crítico de suas interlocuções escolares, fundamentando-se em alguns



pressupostos reducionistas que tem a Educação Física apenas como forma de domínio e desenvolvimento do aspecto motor (incluída no paradigma biológico).

Neste sentido, entendemos que a escola – e nela, a Educação Física - pode se constituir num tempo-espaço receptivo à pluralidade e à multiplicidade de significados das muitas culturas e valores que cotidianamente alcançam os jovens. Não apenas para reforçar as diferentes informações, ou mesmo adaptar as capacidades humanas ao ritmo desenfreado das mudanças do mundo, mas, sobretudo para tornar o mundo, em contínua e rápida mudança, um campo que forneça possibilidades ao sujeito de buscar sua própria autonomia.

Finalizando, sobre os limites e possibilidades da pesquisa, apontamos como limites o praticismo existente conferido no campo, as diferenças de gênero implicando em envolvimento e percepções sobre saúde diferenciadas nos alunos e ainda a inquestionabilidade e hierarquia do saber médico sobre as práticas discursivas dos alunos. Como possibilidades, os alunos apresentaram novas reflexões, especialmente quando questionam criticamente os meios de comunicação de massa.

Referências:

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antônio de Almeida – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ADORNO, Theodor W.; “Teoria da Semicultura”. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. In: **Educação e Sociedade**. Campinas: Papyrus, p.388-411, 1996 .

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAETANO, Angélica. **O Discurso sobre saúde na mídia: limites e possibilidades de tematização na Educação Física escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2011.

CARVALHO, Fernando Luiz Seixas Faria de. O papel da Educação Física escolar representado por professores e professoras de outras disciplinas. **Anais...** XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Olinda (Pernambuco), 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, reimpressão (2008).

FANTIN, M. **Mídia-educação**: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FILHO, Ari Lazzaroti *et al.* O termo “práticas corporais” na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. In: XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2009, Salvador. **Anais...** Salvador, 2009, p. 1-12.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação**: governo dos corpos no mercado da vida ativa. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.



MAAR, Wolfgang Leo. Adorno, Semiformação e Educação. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 459-476, 2003.

MENDES, Diego de Sousa. **Luz, Câmara e Pesquisa-ação**: a inserção da mídia-educação na formação contínua de professores de Educação Física. 2008. 201f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). CDS/UFSC. Florianópolis: UFSC, 2008.

MOULIN, Anne Marie. **O corpo diante da medicina**. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J. & VIGARELLO, G. História do Corpo 3 – As Mutações do Olhar: o século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Mariella Silva de; PAIVA, Lucia Helena Costa; COSTA, José Vilton; PINTO-NETO, Aarão Mendes. Imprensa e saúde da mulher: a abordagem das revistas semanais brasileiras. Intercom, **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 32, n. 01, p. 109-128, 2009.

PUCCI, Bruno. **A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação**. In: ZUIN, A. S.; PUCCI, B.; RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-Educação Física e esportes: quando a diferença é mito**. 2 ed., Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira; FARIA, Aline Almeida. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Revista Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, vol. 4, n. 9, p. 171-188, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

Contato:

Angélica Caetano da Silva

Travessa da Liberdade, 57, Campeche, Chalé Amarelo, Florianópolis, SC.

Cel: 4899943769

Email: angelica.caetano2011@gmail.com

Tecnologia de apresentação: Data-show com áudio.